

O DES-ESPERAR COMO NEGAÇÃO DA VONTADE

GILMARA COUTINHO PEREIRA - Doutoranda pelo Programa Integrado
em Filosofia (UFRN-UFPB-UFPE).
vigi20@gmail.com

***Resumo:** Já é conhecida a ideia schopenhauereana que define este como o pior dos mundos possíveis, graças ao qual seria melhor a nossa não existência. Quero, portanto, apresentar aqui uma possibilidade para uma vida menos infeliz. Considerando a Vontade como desejo incessante e insaciável, encontra-se na obra de André Comte-Sponville, *Tratado do Desespero e da Beatitude*, uma ideia de negação da esperança – Desespero –, a qual relaciono com o desejo, uma das fontes causadoras do sofrimento no mundo. Um des-esperar, no sentido de que nada mais se espera do mundo, de forma a não haver mais decepção, tristeza, sofrimento. Contudo, a despeito do Desespero como caminho para a beatitude, no pensamento de Comte-Sponville, sabemos que, na filosofia schopenhaueriana, isso é impossível. Apresentarei, portanto, não um caminho para a felicidade, mas para uma vida menos infeliz.*

***Palavras-chave:** Negação. Vontade. Desespero.*

I. Introdução

Angústia. Ou então serenidade. Depende dos dias e das horas, depende do tempo e das estações. Porque há momentos em que se tem tanta consciência, tão claramente consciência de não ser nada, que não se sofre mais com isso. Benditos dias de indiferença! Manhãs de inverno, lúcidas e azuis! Contudo, na maioria das vezes nos resignamos mal a isso e, crendo ser alguém, ficamos desgostosos por sermos tão pouco... Dias cinzentos de outono, tardes morosas... A ilusão não está no *tão pouco*, mas sim no *alguma coisa*.

André Comte-Sponville – Tratado do desespero e da beatitude.

Ao sondar o enigma do mundo, Schopenhauer vê que por trás de tudo, a essência do universo, outra coisa não é senão sofrimento. Para nosso filósofo, vivemos no pior dos mundos possíveis e, nosso desejo deve ser apenas um: de que esse mundo, tal como ele é, nunca tivesse existido. A Vontade¹ é como um pêndulo entre o tédio (causado pelo desejo satisfeito) e o sofrimento (espera pela supressão do desejo). A humanidade serve de juguete ao querer da Vontade, saindo sempre como perdedora nessa disputa dela consigo mesma. O sofrimento gerado pela Vontade não cessa, é eterno. Não obstante, nos iludimos às vezes em acreditar na felicidade – não há felicidade duradoura. A satisfação não passa de um ponto de partida para um novo esforço. Tanto a causa de nosso sofrimento quanto a causa de nossa alegria, reside em pensamentos abstratos, não na realidade dos acontecimentos.

Segundo Schopenhauer, toda ação humana tem por finalidade a satisfação da Vontade. Contudo, há formas de se negar essa Vontade causadora de tanto sofrimento: a contemplação estética, o amor compassivo e o ascetismo. Aqui apontarei uma quarta possibilidade de negação da Vontade: o **Desespero**. Entenda-se aqui desespero não no sentido de angústia ou aflição, ou doença, como pensou Kierkegaard². Mas sim um des-esperar, no sentido exposto por Comte-Sponville, em seu *Tratado do desespero e da beatitude*, um Desespero como saúde da alma, em que nada mais se espera do mundo, de forma que não há mais decepção, tristeza, sofrimento.

A filosofia, dita pessimista, de Schopenhauer não deixa espaço para a felicidade; todavia, aponta caminhos para a diminuição do sofrimento, inerente à toda forma de vida: a completa comunhão entre

¹ Grafo Vontade com “V” maiúsculo, seguindo a tradução de *O Mundo Como Vontade e Representação*, feita por Jair Barboza, para que se fique claro que a referência é à Vontade como coisa-em-si e não como vontade individual, com “v” minúsculo. Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 169, nota 8, do tradutor.

² KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O desespero humano*. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. — São Paulo: Abril Cultural. In: Coleção *Os Pensadores*.

todas as coisas. Quando o sujeito cognoscente abandona seu status de indivíduo, rompe com a Vontade, se liberta dela. O sujeito que abre mão de si mesmo através da contemplação ou da compaixão, passa a ser todas as coisas e, ao mesmo tempo, não precisa de mais nada, pois rompeu com a Vontade, autora dos desejos. Tomar consciência do que somos e de que não há como mudar isso que somos, é tarefa difícil, visto que só nos conhecemos superficialmente, como um enigma indecifrável. É no espaço e no tempo, formas puras da intuição dos fenômenos, que se dá a multiplicidade e a diferença dos homens, que, contudo, não pode indicar uma independência entre os fenômenos, pois o que há é uma unidade entre eles, esta é verdadeiramente existente. É pois, considerando toda essa limitação humana, considerando o sofrimento como um mal inerente à vida de todos os seres, e, por fim, considerando a consciência de que não há como mudar o que somos, que apresento aqui, a possibilidade do Desespero, a negação da esperança, ela que é causa da frustração e, por conseguinte, do sofrimento.

II. Desespero como negação da tristeza

Objetivo demonstrar que, mais que uma filosofia pessimista, podemos verificar nos escritos de Schopenhauer uma “filosofia do consolo”, que parte do reconhecimento de que, sendo a vida regida por leis imposta por uma Vontade autodiscordante geradora de todo sofrimento presente no mundo, podemos adotar uma postura negadora dessa Vontade, de modo que possamos viver de forma menos infeliz. Uma leitura atenta às obras de Schopenhauer, nos mostrará um filósofo a dizer que, desde que tomemos consciência de nossa condição de seres frágeis, finitos, podemos, a partir daí, procurar uma fuga do sofrimento, ou, ainda que seja, um alívio temporário. Sponville apresenta o Desespero³ como “nada esperar”. Ele explica que esse Desespero não é a tristeza, mas a negação da tristeza, ao considerar que esta nunca é mais do que a decepção de uma esperança precedente; não havendo esperança que não se inquiete e não se frustre. No que vemos semelhança ao pêndulo entre a dor (da angústia causada pelo desejo) e o sofrimento (causado pelo tédio deixado pelo desejo satisfeito), exposto nas obras de Schopenhauer. Trata-se pois, de um Desespero que supõe a indiferença:

o desespero dá asas. Quem perdeu tudo, torna-se leve, leve... Não vejo nisso um elogio da tristeza, antes o contrário. A tristeza é sempre um fardo pesado. O desespero não é a infelicidade, já disse. Vamos até o fim: ele é muito mais próximo da própria felicidade. O homem feliz é a aquele que, como se diz, “não tem mais

³ Também optei por escrever Desespero com “D” maiúsculo em virtude de tratar-se de um desespero que dá sentido à existência, ao torná-la mais autoafirmativa.

nada a esperar.⁴

Considerando que, a tese central da obra de Arthur Schopenhauer é a compreensão da Vontade como fonte inesgotável de sofrimento à toda forma de vida, que não passa de representação, os escritos desse grande filósofo promovem o encontro do homem com a natureza, da qual faz parte; mostram como natureza vegetal, animal e humana são uma só enquanto representação, Vontade objetivada. Considerando que habitamos um mundo onde os conflitos humanos são cada vez mais constantes, a natureza está em estado avançado de degradação, e o consumismo parece ser a fuga fugaz para todos os tormentos, mais do que nunca parece ser esse um momento para refletir se é preciso mesmo se desesperançar e aceitar esses tormentos como necessários aos fenômenos de uma Vontade impiedosa, ou se há uma escapatória para a representação, se é possível se desprender da própria essência.

O conceito de Vontade [...] é o único dentre todos os conceitos possíveis que NÃO tem sua origem no fenômeno, NÃO a tem na mera representação intuitiva, mas antes provém da interioridade, da consciência imediata do próprio indivíduo, na qual este se conhece de maneira direta, conforme sua essência, destituído de todas as formas, mesmo as de sujeito e objeto, visto que aqui quem conhece coincide com o que é conhecido.⁵

É preciso compreender bem essas palavras para que não se caia, como fenômeno, na ilusão de que se é livre, de que se pode mudar o decurso de vida, de que podemos mudar o que somos, sermos outros. Apenas a Vontade é livre; livre e constantemente ativa. Ela não age apenas nos homens, seres dotados de conhecimento, mas também em toda a natureza; ainda assim, sua ação no homem pode se dar independente do conhecimento, como nos exemplos dados pelo filósofo das funções do corpo, como digestão, secreção, crescimento etc.; numa pessoa que se encontra em estado vegetativo, por exemplo, ali também está atuando a Vontade.

Assim como as ideias de Platão que seriam essências eternas e imutáveis refletidas no mundo fenomênico, a Vontade tem seus graus de objetivação, sendo o homem o grau mais alto dessa objetividade. O que explica sua individualidade contrastante com a falta dela nos outros animais. Nas palavras de Schopenhauer, permanece nos outros animais a “fisionomia da espécie”. Diferentemente

⁴ COMTE-SPONVILLE, André. *Tratado do desespero e da beatitude*; tradução Eduardo Brandão; revisão técnica Luís Felipe Pondé. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 26.

⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: UNESP, 2005: 170-171, § 1 133.

dos outros animais, não é fácil apontar uma coisa que agrade a todos os homens, pois cada indivíduo é dotado de uma particularidade e, como diria nosso filósofo: “com a faculdade de razão, entra em cena a possibilidade da dissimulação”⁶. No entanto, é preciso entender que essas particularidades não são determinadas pelos motivos, ações externas; elas não determinam o caráter do homem, mas apenas o fenômeno desse caráter. O caráter é o fenômeno imediato da Vontade: “o caráter é algo absolutamente inexplicável”⁷. Muito se ilude o homem em acreditar-se livre para escolher mesmo quando se lhe afiguram opções: muito embora a ilusão da escolha, lhe é **necessário** que faça uma escolha,

a decisão da própria Vontade é indeterminada só ao seu espectador, o próprio intelecto, ao sujeito do conhecer, portanto relativa e subjetivamente; por outro lado, em si mesma e objetivamente, a decisão é de imediato e necessariamente determinada em face de cada escolha que se apresenta. [...] O intelecto nada pode fazer senão clarear a natureza dos motivos em todos os seus aspectos, porém sem ter condições de ele mesmo determinar a Vontade, pois esta lhe é completamente inacessível, sim, até mesmo, como vimos, insondável.⁸

Uma ação contingente da parte do homem implicaria em dizer que a Vontade muda — um absurdo —, não obstante, só há mudança no tempo e, nem a Vontade é um fenômeno nem o tempo uma determinação da Vontade.

Se se perguntasse a cada homem por que em geral ele quer, ou por que em geral ele quer existir, ele consideraria tal pergunta um disparate, visto estar tão confundido com sua essência, que é a Vontade, que nada mais é senão querer. Além disso, como diz Schopenhauer várias vezes, “à vontade de vida a vida é certa”; logo, existir já é uma afirmação da Vontade sobre a qual não se costuma questionar; onde existir Vontade existirá vida, mundo. Essa Vontade se manifesta na matéria como um querer insaciável: “o esforço da matéria [...] pode apenas ser travado, jamais concluído ou satisfeito. [...] Cada fim alcançado é por sua vez início de um novo decurso, e assim ao infinito”⁹. A Vontade é como um pêndulo entre o tédio (causado pelo desejo alcançado) e o sofrimento (espera pela supressão do desejo). E a humanidade serve de brinquedo ao querer da Vontade, saindo sempre como a perdedora nessa disputa da Vontade consigo mesma.

Segundo Schopenhauer, o homem, como fenômeno da Vontade, é apenas presente, não futuro ou passado. Nisso, vemos que não há porque se lamentar do que deixaremos depois da morte e com o

⁶ Ibid., 193, § I 156.

⁷ Ibid., p. 201, § I 165.

⁸ Ibid., pp. 376-377, § I 343-344.

⁹ Ibid., pp. 230-231, § I 195.

que deixaremos de viver — vivemos apenas no presente. Como o indivíduo é Vontade de vida objetivada, todo o seu ser acaba por se insurgir contra a morte. A vida do nosso corpo é um morrer continuamente evitado. Todas as ações de nosso corpo (respiração, alimentação, repouso, aquecimento corpóreo etc.) são defesas contra a morte. Contudo, o homem que enxerga essa luta como desnecessária, em vão, encontra no conhecimento uma arma para superar com indiferença o medo da morte. Através do conhecimento, o homem percebe que ele mesmo é Vontade, desta o mundo é apenas representação. Quando munido dessa arma, o homem acaba por se libertar. Schopenhauer explica que a Vontade é a geradora de todo o sofrimento presente no mundo. O sofrimento não cessa — não há uma felicidade duradoura. A satisfação não passa de um ponto de partida para um novo esforço. Tanto a causa de nosso sofrimento, como a causa de nossa alegria, reside em pensamentos abstratos — não está na realidade. As dores físicas, por exemplo, não alcançam nem de longe a dor espiritual. Sofremos bem mais com o “jogo do pensamento”, do que com a realidade da dor — “não são as coisas que provocam distúrbio nos homens, mas as opiniões sobre elas”¹⁰. O que o homem sensato faz para diminuir o sofrimento enquanto espera pela morte é tomar cuidado com os excessos tanto da dor, quanto da alegria — que é sempre passageira. É se prevenir do arrebatamento que essas sensações podem nos causar. É impossível, segundo a teoria de Schopenhauer, que não sofram. Ele diz que, ao observarmos as minúcias da vida humana pode-se chegar à conclusão de que somos como “marionetes” no “jogo da Vontade”; que nossa vida não passa de uma comédia que, não obstante, quando observada como um todo, toma ares mesmo de uma tragédia. A Vontade de vida joga conosco, nos momentos de dor e alegria. Isto levaria um homem, no final de sua vida, — caso fosse sincero e prudente —, refletindo sobre sua existência, a dizer que preferiria não ter existido. Em vista disso, devemos considerar, com regozijo, a morte como o melhor momento de nossa vida. Aceitar a morte é aceitar que há um todo maior que o indivíduo, um todo que é a natureza; é entender que somos Vontade objetivada e que, quando morrermos, voltaremos ao nada que éramos. Quando entendermos isto, compreenderemos que a derrota é certa de nossa parte, quando travamos a luta de resistência contra a morte.

A **afirmação** da Vontade de vida está precisamente relacionada com o conhecimento, que faz os homens, enquanto fenômenos que são, tornarem-se claros e distintos a si mesmos; como diria Schopenhauer, livres de quaisquer ilusões. O homem que afirma a Vontade, em certa medida, pode até viver melhor do que um outro que vive a ilusão de que um dia terá seus desejos satisfeitos e seguirá, portanto, feliz; ou, então, entediado ao saber que viverá frustrado com a consciência de que todo o pano de fundo de sua existência é um querer motivador do sofrimento; que não há alegria mais duradoura do que um instante, ou, tédio mais passageiro do que a eternidade. Por outro lado, a **negação da Vontade de vida** também está ligada ao conhecimento. Isto acontece quando o conhecimento leva à supressão do querer; quando ele deixa de ser um **motivo** e passa a ser um **quietivo**. Este conhecimento apresentado como quietivo acontece quando o homem deixa de querer, para de tentar responder à Vontade, objetivada no corpo. Portanto, como foi dito, tanto a afirmação quanto a negação da Vontade

¹⁰ Ibid., p. 387, § 1 353.

de vida surgem pelo conhecimento: “não um conhecimento abstrato, expresso em palavras, mas sim um conhecimento vívido e independente de dogmas, expresso exclusivamente em atos e condutas, que, aqui, no entanto, como conhecimento abstrato, concerne à razão”¹¹. Que fique claro aqui que não há intenção alguma, da parte de nosso filósofo, de dizer qual dos dois caminhos devemos escolher: o da aceitação ou o da renúncia.

III. Desespero como negação da vontade

A ideia do presente artigo é apresentar um outro caminho para negação da Vontade: o **Desespero**. Este conceito, encontramos em alguns textos de um filósofo francês extemporâneo de Schopenhauer, André Comte-Sponville. Segundo ele, que considera a infelicidade como um fato, é preciso inventar a felicidade, gozando daquilo que já temos à mão, “cessando” o ciclo incessante de desejos. Não obstante Schopenhauer desconsidere a existência da felicidade, com o Desespero mostraremos a possibilidade senão da felicidade, mas de uma vida menos infeliz, uma vida sem espera, sem desejos.

Tomo parte de uma corrente de pesquisadores que estudam o pensamento de Schopenhauer e pensa: é possível encontrar aqui muito mais que uma filosofia pessimista que afirma que “vivemos no pior dos mundos possíveis” e que isto só pode resultar no “estigma” de que “toda a vida é sofrimento”. Ora, e para que serve o conhecimento se não para aliviar as dores da existência? Em alguns textos de Sponville, especialmente o *Tratado do Desespero e da beatitude*, percebo a possibilidade de uma outra forma de negação da Vontade, não que o próprio Sponville o tenha dito, mas quando este fala em **esperança** como fonte de angústia e frustração, resultados da ignorância, carência e fraqueza, não me parece difícil fazer uma analogia da esperança com o desejo de que fala Schopenhauer, efeito da Vontade.

Muito embora Sponville fale em uma vontade subjetiva – como fenômeno e não como *noumenon*. Trata-se aqui, portanto, de uma apropriação conceitual do termo esperança. Por conseguinte, mais precisamente, do conceito **desespero** como negação da Vontade [em Schopenhauer]. Um desespero como “saúde de alma”¹², que nos faz não esperar mais nada desse mundo que nos possa dar alguma satisfação, não criar expectativas. Desespero aqui equivale a “nada esperar” – sempre justificando que esse desespero não é triste, mas é a negação da tristeza, ao considerar que esta nunca é mais do que a decepção de uma esperança precedente; não havendo esperança que não se inquiete e não se frustre.

Não obstante, apesar do desespero ser, na filosofia de Sponville, um caminho para a beatitude,

¹¹ Ibid., p. 370, §I 336.

¹² COMTE-SPONVILLE, André. *O amor a solidão*. Entrevistas com Patrick Vighetti, Judith Brouste, Charles Juliet; tradução Eduardo Brandão. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

sabemos que isto, ou, a felicidade, se mostra praticamente inexistente na filosofia de Schopenhauer; de modo que, se há um *telos* aqui não é a felicidade, mas uma vida menos infeliz.

Uma reflexão schopenhaueriana sobre o **em si** do mundo como fonte devastadora, causadora de sofrimento, não pode redundar num pessimismo para a vida; já basta a própria dor que esta carrega. É preciso, refletindo sobre o funcionamento da Vontade, como causa, refletir também sobre o que é possível fazer de nossa vida, de modo a torná-la mais proveitosa. É o que alguns chamam de “otimismo prático”. Sponville, na obra *O amor a solidão*¹³, apresenta a filosofia como uma prática que só tem sentido quando se coloca à serviço da vida – uma vida que seja mais lúcida, mais livre, mais feliz: “pensar melhor para viver melhor”¹⁴.

Em uma entrevista, Sponville responde o que entende por desespero:

O mais importante é não se mentir sobre a vida, não desprezar suas lições. Ora, há lição mais clara que esta: a de que toda esperança nunca se realiza? [...] Vou dizer simplesmente o seguinte: não temos felicidade, ao contrário, a não ser nesses momentos de graça em que não esperamos nada, não temos felicidade, a não ser à proporção do desespero que somos capazes de suportar! Sim: porque a felicidade continua sendo nosso fim, é claro, e isso quer dizer também que só a alcançaremos se renunciarmos a ela. [...] a salvação será **inesperada** ou não será. Porque a vida é decepcionante, sempre, e porque só se pode escapar da decepção libertando-se da esperança.¹⁵

Ora, temos aqui um filósofo de inspiração epicurista, que reconhece a felicidade como *telos*, e que, no entanto, diz que ela só se realiza na renúncia, quando não se espera mais por ela. Isto porque, se esperarmos tudo, o que podemos alcançar é frustração. A felicidade, enquanto esperada, não passa de uma ilusão que muitos alimentam por toda a vida, no desejo, na esperança.

IV. Uma sabedoria trágica

Os pares que encontramos em Schopenhauer, dor e tédio, se apresentam em Sponville como

¹³ Ibid., p. 16.

¹⁴ Ibid., p. 18.

¹⁵ Ibid., p. 41.

angústia e decepção. Contudo, não os vemos como ideias contrárias, mas sinônimas. Todo absurdo que identificamos no mundo e na vida, seja advindo do egoísmo humano, seja de catástrofes naturais, só o são graças às nossas esperanças: o desespero promove o conhecimento do real. Sponville invoca assim uma **sabedoria trágica** – termo que tomou de Marcel Conche:

Uma sabedoria que não passa ao largo da atrocidade cotidiana: uma sabedoria que não faz como se o pior não existisse, como se Auschwitz não existisse, como se o sofrimento das crianças e a decrepitude dos velhos não existissem... Sabedoria trágica: sabedoria do desespero.¹⁶

Quando Sponville fala em alegria, fala em uma alegria que brota do desespero, quando percebe que a tristeza verdadeira não é triste, que a angústia verdadeira não é angustiada, nem angustiante e, que o desespero verdadeiro não é desesperado nem desesperador, exatamente por serem **verdadeiros**. O fato de serem verdadeiros é o que possibilita que tragam alegria; a alegria da verdade. Em *A felicidade, desesperadamente*, cita Agostinho: “O que é a sabedoria? É a felicidade na verdade, ou ‘a alegria que nasce da verdade’”¹⁷. Quanto mais lucidez, mais felicidade. É preciso “aprender a se desprender”, perceber-se como “um sopro no grande vento do mundo”; Schopenhauer diria, no NADA. O desejo fracassa porque só se deseja o que não se tem, de modo que nunca se tem o que se deseja.

Sponville ressalta algumas vezes que o erro de Schopenhauer foi confundir o desejo com a esperança. Muito embora admire o pensamento de Schopenhauer, Sponville o critica dizendo que não somos tão infelizes quanto ele teoriza [reducionismo muito comum da filosofia de Schopenhauer a um pessimismo diante da vida]:

É que entre a felicidade esperada e a felicidade, [...] entre a esperança e a decepção, entre o sofrimento e o tédio, há uma ou duas pequenas coisas que se esquecem [referindo-se a Platão, Pascal, Schopenhauer e Sartre] ou cuja importância subestimam gravemente [:] o prazer e a alegria. Ora, quando há prazer? Quando há alegria? [...] Quando desejamos o que temos, o que fazemos, o que é: [...] quando desejamos o que não falta!¹⁸

¹⁶ Ibid., p. 98.

¹⁷ COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*; tradução Eduardo Brandão. – 3ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 10-11.

¹⁸ Ibid., pp. 41-42.

Trata-se, no dizer dele, da **felicidade em ato**.

Sponville tenta esclarecer que desespero difere de tristeza, de niilismo, de renúncia e de resignação, pois, é um **gaio desespero** – a sabedoria do desespero. O caminho que ele [Sponville] aponta diz:

[o caminho] da desilusão, da lucidez, do conhecimento, o caminho que deve nos tornar menos dependentes da esperança e nos libertar do temor. [esse caminho é a ideia de] Beatitude: a felicidade de quem não tem mais nada a esperar. Porque está perdido? Não, porque não tem mais nada a perder, porque está salvo, salvo aqui e agora. Nesta vida. Neste mundo. Porque a verdade lhe basta e o sacia.¹⁹

Enquanto o desespero é uma *sub specie temporis*, a beatitude é uma *sub specie aeternitatis*.

É só enquanto a vida é desgraçada que esperamos, quando as coisas vão bem, não sentimos falta de nada, por conseguinte, nada desejamos: “No inferno, é praticamente impossível não esperar. Ao contrário, é o bem aventurado, em seu paraíso, que não pode esperar mais nada – pois tem tudo”²⁰.

A felicidade implica numa renúncia dela mesma. A boa morte é a morte desesperada, daquele que já alcançou tudo o que poderia querer: “Não é a falta que lhe falta; é a potência de gozar o que não lhe falta”²¹. Sponville também não compreende a felicidade como um absoluto estável; ela é “um processo, um movimento, um equilíbrio [...] uma vitória só que frágil, sempre a ser continuada ou recomeçada. [...] paremos [...] de sonhar a vida”²². Não é possível ser plenamente feliz sempre, se realizar plenamente sempre; ora somos mais ora somos menos felizes: “O presente é o único lugar do real”²³. O desejo ou a espera de felicidade nos separa por um “se”: “seria feliz **se** tivesse um bom emprego”, “seria feliz **se** fosse amado”, “seria feliz **se** tivesse saúde”, etc. – “vamos passar a vida inteira buscando um seio, quando o mundo inteiro está aí, dando-se a conhecer e a amar?”²⁴. Desesperar é [próximo a Freud] realizar o “trabalho de luto”: fazer luto de tudo o que não é, para se regozijar do que é.

Para concluir, muito embora as críticas que em uma ou outra obra Sponville faça ao “pessimismo” schopenhaueriano, muito embora o próprio Sponville dê alguns sentidos para a

¹⁹ Ibid., p. 69.

²⁰ Ibid., p. 71.

²¹ Ibid., p. 78.

²² Ibid., p. 88.

²³ Ibid., p. 94.

²⁴ Ibid., p. 115.

felicidade e, às vezes confunda desejo com esperança, às vezes os distinga; fora as formas de negação da Vontade que Schopenhauer apresenta, não vejo como deixar passar despercebido esse conceito que surge com esse filósofo contemporâneo, que, assim como Schopenhauer, também via a importância da busca pela verdade como forma de negar o sofrimento – a Vontade.

Espero que fique claro não tratar-se aqui de um projeto sobre “como ser feliz”, o que contrariaria a tese de um dos filósofos que embasa este artigo, de que a felicidade é um bem inatingível. Muito embora Comte-Sponville não pense semelhante a Schopenhauer – para ele a felicidade é uma bem alcançável quando o homem se contenta diante do que já tem – dele abstraímos o sentido de Desespero como não esperar mais nada e, a partir daí, ser o menos infeliz possível. Seria, por assim dizer, a *ataraxia* dos gregos. Estaria ligado também à terceira nobre verdade do Budismo, uma das fontes do pensamento schopenhaueriano: só temos como deter a dor cessando o desejo. Eis aqui um “otimismo prático”, verificável nos pensamentos de Schopenhauer e Comte-Sponville. Prático por encontrar uma possibilidade de viver senão feliz, o menos infeliz possível, negando a Vontade, fonte inesgotável de dor e sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: A decifração do enigma do mundo*. — São Paulo: Moderna, 1997.
- BARBOZA, Jair. *Infinitude subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer*. — São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- BARBOZA, Jair. *Schopenhauer*. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.
- BOSSERT, Adolphe. *Introdução a Schopenhauer*. — Tradução Regina Schopke, Mauro Baladi. — Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. — Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*. Tradução Eduardo Brandão. — São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COMTE-SPONVILLE, André. *A filosofia*. Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. — São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*; tradução Eduardo Brandão. — 3ªed. — São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COMTE-SPONVILLE, André e FERRY, Luc. *A sabedoria dos modernos*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O amor a solidão*. Entrevistas com Patrick Vighetti, Judith Brouste, Charles Juliet; tradução Eduardo Brandão. — 2ª Ed. — São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Tratado do desespero e da beatitude*; tradução Eduardo Brandão; revisão técnica Luís Felipe Pondé. — 2ª Ed. — São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- JANAWAY, Christopher. *Schopenhauer*. In: Coleção Mestres do Pensar. Editora Loyola, 2003.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O desespero humano*. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. — São Paulo: Abril Cultural. In: Coleção *Os Pensadores*.
- LEFRANC, Jean. *Compreender Schopenhauer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MANN, Thomas. *O pensamento vivo de Schopenhauer*. Tradução de Pedro Ferraz do Amaral. — São Paulo: Martins Editora, 1967.

MATTOS, Andréia Andrezza Lopes. *Schopenhauer e a metafísica da dor*. In: *Cadernos filosóficos*. UECE, v. 5, n. 1. Fortaleza, 1990.

MURTI, T. V. *El Budismo*. Espanha: Grupo editorial G. R. M., 2002.

PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer: Decifrando o enigma do mundo*. Tradução: Lucy Magalhães. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

REDYSON, Deyve. *Arthur Schopenhauer no Brasil: em memória dos 150 anos da morte de Schopenhauer* / Deyve Redyson (org.). — João Pessoa: Ideia, 2010.

REDYSON, Deyve. *Metafísica do sofrimento do mundo: O pensamento filosófico pessimista*. João pessoa: Ideia, 2009.

REDYSON, Deyve. *Dossiê Schopenhauer*. — São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

ROSSET, Clément. *Schopenhauer, filósofo do absurdo*. Tradução de Maria Marta Guerra Husseine, In: *Revista Princípios/ UFRN, CCHLA*. — Ano 1, n. 1 (Natal: Nov. 1994).

SAFRANSKI, Rudiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia: uma biografia*. Tradução Willian Lagos. — São Paulo: Geração editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução, prefácio e notas Jair Barboza. — São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. *El mundo como voluntad y representacion II*. Tradução, introdução e notas Pilar López de Santa María. — Madrid: Trotta, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. Tradução de Jair Barboza. — São Paulo: Martins Fontes, 2004. 2 ed.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, III PT; *Crítica da filosofia kantiana; Parerga e paralipomena*, cap. V, VIII, XII, XIV; traduções de Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. — São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Parerga y Paralipomena* (Vols. I e II). Tradução, introdução e notas Pilar López de Santa María. — Madrid: Trotta, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. — 2 ed. — São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre la libertad de la voluntad*. Tradução de Eugenio Ímaz. — Madrid: Alianza Editorial, 2000.

SILVA, João Carlos Salles Pires. *Schopenhauer e o idealismo alemão / João Carlos Salles Silva (org.)* — Salvador: Quarteto, 2004.

STODDART, William. *O budismo ao seu alcance: princípios e expansão*. Tradução de Alberto Vasconcelos Queiroz. — Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2004.

VECCHIOTTI, Icilio. *Schopenhauer*. Tradução de Dr. João Gama. — Lisboa: Edições 70, 1990.